

ROMANCE

-NOVA EDIÇÃO INTEGRAL-

É um dos livros míticos da literatura. A sua reputação excede em muito o número dos seus leitores. LE FIGARO



VOLUME I

**MANUSCRITO
ENCONTRADO
EM SARAGOÇA**
JAN POTOCKI

cavalo de ferro

COLECÇÃO GENTE INDEPENDENTE

3

Jan Potocki (1761-1815), aristocrata polaco, frequentador da alta sociedade cosmopolita europeia de finais do século XVIII, foi um político iluminado, ligado aos ambientes jacobinos, mais tarde conselheiro privado do Czar Alexandre I. Estudioso da antiguidade, viajante incansável, verdadeiro homem do iluminismo, autor de importantes obras de cariz etnográfico (é considerado o fundador da arqueologia eslava), bem como de vários livros de viagens, Potocki é, sobretudo, o autor do célebre «Manuscrito encontrado em Saragoça», obra escrita originalmente em francês e recentemente redescoberta, que o manteve ocupado durante os últimos doze anos da sua vida.

«Romance iniciático e erudito, o *Manuscrito* apresenta-se não apenas como a soma de todos os saberes e factos do mundo, mas também como o somatório de todos os mundos possíveis»

Quotidien des lettres

«Romance iniciático? Maçónico? Teosófico? Cabalístico? Pré-romântico?... E porque não? Encontramos de tudo nesta obra de imaginação única. “Em Saragoça, ou seja, em nenhuma parte”, poderia ter dito Alfred Jarry a propósito do insólito destino do *Manuscrito*: livro polaco que não foi escrito em polaco, que se passa em Espanha mas que não é um livro sobre Espanha, e que, no entanto, parece impregnado de toda a nostalgia que um aristocrata que viajou pelo mundo inteiro é capaz de sentir pela sua pátria...» *Le Monde des livres*

«Um insólito e gigantesco monumento. Um livro-universo, pelo número de personagens, pela complexidade das suas vidas e pelas ligações que descobrimos entre elas. E todas estas criaturas fictícias, mas por vezes também históricas, são inesquecíveis.» *La Quinzaine Littéraire*

«O encantador dédalo do Conde Potocki. Foi necessária toda a paciência e fascínio dos investigadores para extrair de arquivos secretos e bibliotecas longínquas os fragmentos do *Manuscrito*, que, se encontrado em Saragoça, andou um pouco perdido por todo o mundo (Cracóvia, Varsóvia, Leninegrado, Leipzig) e finalmente reencontrado e restaurado em Paris.»

L'Express

JAN POTOCKI
MANUSCRITO
ENCONTRADO EM SARAGOÇA
VOLUME II

Tradução

J. Espadeiro Martins



cavalo de ferro

Título original: «Manuscrit trouvé à Saragosse»

© **Cavalo de Ferro Editores, 2010**

para a publicação em língua portuguesa

Revisão: Maria Aida Moura

Paginação: Finepaper

1.ª Edição, Fevereiro de 2010

ISBN: 978-989-623-112-5

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,
sugerimos que visite o nosso site: **www.cavalodeferro.com**

TRIGÉSIMA JORNADA

Ao acordar, já não vi as minhas primas; inquieto, olhei em volta e vi à minha frente uma extensa galeria bem iluminada: compreendi que era o caminho que devia seguir. Por conseguinte, vesti-me rapidamente e, depois de ter caminhado uma boa meia hora, deparei com uma escada em caracol, pela qual podia, à minha escolha, subir à superfície ou mergulhar ainda mais nas entranhas da Terra. Optei por esta segunda hipótese e desemboquei num subterrâneo onde havia um túmulo de mármore branco, iluminado por quatro lâmpadas, e um dervixe em oração.

O ancião voltou-se para mim, dizendo afavelmente: «Sede bem-vindo, senhor Alphonse. Há muito que vos esperávamos.»

Perguntei se me encontrava nos subterrâneos de Cassar Gomelez.

«Precisamente, nobre nazareno, não estais enganado», retomou o dervixe. «Neste túmulo se encerra o célebre segredo dos Gomelez; mas, antes de vos falar desse assunto, permiti que vos ofereça uma pequena refeição. Tereis hoje necessidade de todas as forças do vosso espírito e do vosso corpo e talvez mesmo — acrescentou num tom um pouco malicioso — essas forças precisem de imediato de ser restauradas!»

Depois de assim falar, o ancião conduziu-me a um subterrâneo contíguo, onde deparei com uma refeição abundante. Quando acabei de comer, o meu anfitrião rogou-me que o escutasse com atenção e disse-me:

«Senhor cavaleiro, não ignoro que as vossas belas primas vos puseram ao corrente da história dos vossos antepassados e da importância que davam ao segredo do Cassar Gomelez. Com efeito, nada há no mundo tão importante. Um homem que fosse senhor do nosso segredo não teria dificuldade em se fazer obedecer por muitas nações e, talvez, chegar a uma monarquia universal. Por outro lado, estes meios tão vastos e perigosos em mãos erradas poderiam destruir por muito tempo a ordem estabelecida na sociedade. As leis a que obedecemos há vários séculos estatuíram que o segredo só seria revelado a homens do sangue dos Gomelez e apenas depois de se ter a certeza do seu carácter, mediante provas singulares e variadas. É também prática habitual que se lhe exijam juramentos solenes, acompanhados por todo o ritual da religião. O conhecimento que temos da vossa maneira de pensar permite que fiquemos satisfeitos com a vossa palavra de honra. Por conseguinte, senhor cavaleiro, ousa pedir a vossa palavra de que nada revelareis do que aqui ides ver, seja a quem for.»

No primeiro momento, quis-me parecer que, uma vez que estava ao serviço do rei de Espanha, não deveria dar a minha palavra antes de saber se algo do que ia ver naquelles subterrâneos era contra os seus interesses. Manifestei ao dervixe a minha objecção. Respondeu-me:

«Senhor cavaleiro, o vosso escrúpulo é perfeitamente lógico; o vosso braço pertence certamente ao rei a quem servis; encontras-vos, porém, em zonas subterrâneas onde o seu poder jamais penetrou. O sangue que corre nas vossas veias tem também os seus direitos; e a palavra de honra que vos solicito é apenas a continuação da que já destes a vossas primas.»

Julgo que semelhante raciocínio não deixava de ser especioso, mas conseguiu convencer-me. Dei a palavra de honra que me era pedida; então o dervixe, empurrando uma das

paredes do túmulo, apontou-me uma escadaria, que conduzia a subterrâneos ainda mais profundos.

«Descei, senhor cavaleiro», disse o dervixe. «É inútil que vos acompanhe; mas virei buscar-vos logo à noite.»

Desci, pois; e contemplei maravilhas que muito gostaria de vos contar, não fosse o obstáculo invencível de ter dado a minha palavra de honra.

O dervixe voltou à tardinha, conforme tinha prometido. Subimos juntos e passámos a outro subterrâneo, onde nos tinham preparado uma ceia. A mesa estava posta aos pés de uma árvore de ouro que representava a genealogia dos Gomelez. A árvore estava como que separada em dois ramos principais: um deles, reservado aos Gomelez maometanos, parecia florescente e em toda a pujança da vegetação; o outro, pelo contrário, destinado aos Gomelez cristãos, parecia ressequido e enfeitado apenas com longos e ameaçadores espinhos.

Quando acabámos de cear, o dervixe disse-me: «Não fiquei espantado com a diferença que vedes entres estes dois ramos principais. É que os Gomelez fiéis à lei do Profeta foram recompensados com tronos, ao passo que os outros levaram uma vida obscura no exercício de diversas funções; nenhum deles foi alguma vez admitido no conhecimento do nosso segredo e, se abrimos uma excepção ao vosso caso, ficais a devê-la principalmente à honra que tivestes em merecer a afeição das duas princesas de Tunes. De qualquer modo, estais ainda muito longe de conhecer toda a nossa política; se quisésseis passar para o outro ramo, que floresce e sempre florescerá cada vez mais, então com certeza que a vossa ambição teria motivos para se sentir satisfeita e teríeis a glória de concorrer para desígnios magníficos.»

La responder, mas o dervixe não me deu tempo e continuou: «É justo receberdes a vossa parte dos bens da vossa

família e alguma compensação pelos incómodos sofridos no subterrâneo. Aqui tendes uma letra de câmbio sobre Esteban Moro, o mais rico banqueiro de Madrid. Aparentemente, a ordem parece referir-se apenas a mil peças de oito, mas existe um traço de caneta específico que confere à letra um valor ilimitado, pelo que, com a vossa assinatura, vos darão tudo o que quiserdes. Agora, subi por esta escada em caracol. Depois de subir três mil e quinhentos degraus, chegareis a uma abóbada muito baixa, onde tereis de rastejar ao longo de cinquenta passos; ireis assim desembocar no meio das ruínas do castelo de Alcassar, ou Cassar Gomelez. Deveis passar aí a noite, e amanhã facilmente descobrireis o acampamento dos ciganos, aos pés do monte. Adeus, caro Alphonse, que o nosso santo Profeta vos ilumine e vos faça ver o caminho da verdade!»

O dervixe abraçou-me, despediu-se de mim e fechou a porta nas minhas costas. Nada mais podia fazer senão seguir passo a passo as indicações que ele me tinha dado. Durante a subida tive de descansar por diversas vezes; finalmente, voltei a contemplar o céu estrelado. Aninhei-me debaixo de uma abóbada em ruínas e adormeci.

TRIGÉSIMA PRIMEIRA JORNADA

Quando acordei, avistei no vale o acampamento dos ciganos e apercebi-me de uma azáfama que anunciava a partida para retomarem as suas andanças vagabundas. Apressei-me a alcançá-los. Esperava que me fizessem algumas perguntas sobre a minha ausência de duas noites; mas ninguém fez a mínima observação e todos pareciam absorvidos pelos preparativos da partida.

Quando já estávamos todos a cavalo, o cabalista disse: «Desde já posso prometer-vos que hoje teremos o prazer de ouvir o Judeu Errante. O meu poder sobre ele ainda não foi anulado, como esse velhaco imagina. Ia já perto de Taraudant quando o obriguei a voltar atrás. Recalcitra e caminha o mais devagar que lhe é possível; mas tenho maneira de o obrigar a andar mais depressa.» Tirou do bolso um livrinho onde leu algumas fórmulas bárbaras e daí a pouco avistámos um homem caminhando no cimo de um monte.

«Estais a vê-lo», disse Uzeda, «o preguiçoso, o patife! Ides agora testemunhar a forma como eu o trato!»

Rebeca pediu-lhe então que perdoasse ao culpado, e o irmão pareceu abrandar a sua ira. Quando o Judeu Errante chegou perto de nós, teve de ouvir algumas reprimendas bastante azedas feitas pelo cabalista, numa língua que eu não entendi. Em seguida, ordenou-lhe que se mantivesse junto do meu cavalo e que retomasse a sua história no ponto em que a tinha interrompido. O infeliz vagabundo não replicou e começou nos seguintes termos:

Continuação da história do Judeu Errante

«Já vos tinha dito que em Jerusalém se constituíra uma seita de herodianos, defendendo que Herodes era o Messias, e tinha prometido explicar-vos o sentido que os Judeus atribuíam a esta palavra. Assim, ficareis a saber que “Messias” em hebraico significa “ungido, esfregado com azeite”, e “Christós” é a tradução deste termo para grego. Ao despertar da sua célebre visão, Jacob derramou azeite sobre a pedra onde tinha reclinado a cabeça e chamou àquele lugar “Betel”, ou seja, “casa de Deus”. Podeis ler em Sanchoniathon¹ que Scham inventou os bétilos ou pedras animadas. Acreditava-se então que o espírito divino impregnava imediatamente tudo o que era consagrado pela unção. Ungiam-se os reis e “Messias” tornou-se sinónimo de “rei”. Quando David fala do Messias, é a ele próprio que se refere, como se pode concluir a partir do segundo salmo.

Mas, quando o reino dos Judeus, dividido, depois invadido, se transformou em juguete das potências vizinhas, sobretudo quando o povo foi levado para o cativeiro, os profetas consolavam-no, afirmando-lhes que um dia havia de nascer um rei da raça de David, que derrubaria o orgulho da Babilónia e faria triunfar os Judeus.

À inspiração dos profetas os mais magníficos edifícios nada custavam, pelo que não deixaram de erguer uma futura Jerusalém, digna de ser a residência de um rei magnífico, dotada de um templo ao qual nada faltaria para que o culto fosse respeitável aos olhos do povo. Os Judeus ouviam com prazer as profecias, mas sem lhes dar grande importância. Com efeito, como interessar-se por acontecimentos que só ocorreriam no tempo dos netos dos seus descendentes?

¹ Sanchoniathon: historiador fenício do século XII a. C., que teria fornecido a Filon de Biblos material para a sua história fenícia.

Parece que as profecias ficaram quase esquecidas no tempo do império macedónico, pelo que nenhum dos Macabeus foi considerado o Messias, embora eles tenham libertado o país da opressão dos estrangeiros. E os seus descendentes que usaram o título de “rei” também não passaram por ter sido anunciados pelos profetas.

As coisas foram diferentes no tempo do velho Herodes. Os cortesãos deste príncipe, após terem esgotado durante quarenta anos todas as bajulações que poderiam agradar-lhe, acabaram por lhe demonstrar que ele era o Messias anunciado pelos profetas. Herodes, cansado de tudo excepto do poder supremo de que se tornava dia a dia mais ciumento, julgou encontrar nesta opinião uma forma de reconhecer os que lhe eram devotados. Assim, os seus amigos fundaram uma seita de herodianos, cujo cabecilha foi o astuto Sedecias, irmão mais novo de minha mãe. Facilmente chegáreis à conclusão de que meu avô e o amigo Délio nunca mais pensaram em se instalar em Jerusalém. Mandaram fazer um cofrezinho de bronze, encerraram nele o contrato de venda da casa de Hillel, a sua obrigação de trinta mil dárlicos, com uma cedência de Délio a Mardoqueu, meu pai. Em seguida, apuseram nele o seu sinete, prometendo nunca mais pensar no assunto até que as circunstâncias fossem mais favoráveis.

Herodes morreu e a Judeia foi objecto das mais deploráveis divisões. Trinta chefes de partido fizeram-se ungir, proclamando-se outros tantos Messias. Alguns anos depois, Mardoqueu casou com a filha de um dos seus vizinhos e eu, fruto único dessa união, vim ao mundo no último ano do reinado de Augusto. Meu avô quis ter a satisfação de me circuncidar pessoalmente e mandou organizar uma festa esplendorosa. Mas estava habituado ao sossego: a agitação que sem dúvida se apoderou dele naquela

altura e também a sua grandeza de alma foram as causas primeiras de uma doença que o levou ao túmulo poucas semanas depois. Exalou o último suspiro nos braços de Délio, recomendando-lhe que zelasse pelo cofrezinho de bronze e que não permitisse que o malvado viesse a gozar o fruto da sua malvadez. Minha mãe, cujas gravidezes nunca haviam sido felizes, apenas sobreviveu algumas semanas ao sogro.

Por essa altura, os Judeus tinham por hábito usar nomes gregos ou persas. A mim chamaram-me Assuero. Foi sob este nome que me dei a conhecer a Antoine Colterus, em Lubeque, no ano de 1603, como pode ver-se nos escritos de Duduleus, e foi também esse o nome que usei em Cambridge em 1710, como pode ver-se nas obras do judicioso Tenzelius².»

«Senhor Assuero», disse Velasquez, «fala-se também de vós no *Theatrum Europaeum*³.»

«É possível», disse o Judeu. «Passei a ser demasiado conhecido a partir do momento em que determinados cabalistas me foram buscar aos confins de África.»

Tomei então a palavra e perguntei ao judeu que encantos conseguia achar naquelas paragens desérticas.

«Exactamente», replicou ele, «o facto de ali não haver homens. E se acaso encontro algum viajante perdido ou alguma família de cafres, conheço bem o covil da leoa com crias. Sei como conduzi-la ao encontro da presa e tenho o prazer de a ver devorá-los diante dos meus olhos.»

«Senhor Assuero», disse Velasquez, «quer-me parecer que possuíis um mau carácter!»

2 Chrisostomus Dudulacus Westphalus: *Neue Zeitung von einem Juden von Jerusalem Ahaß-verus genant*. A edição publicada em Augsburg em 1618 não refere o nome de Anton Colterus. Tenzelius: provavelmente, Wilhelm Ernst Tentzel (1659-1707), apesar da data de 1710.

3 *Theatrum Europaeum*: jornal fundado por Johann Philipp Abelin em 1627 em Frankfurt am Main e publicado até 1738.

«Eu bem vos tinha prevenido», disse o cabalista. «É o maior velhaco do mundo.»

«Se vivesses dezoito séculos», retorquiu o vagabundo, «não valias mais do que eu.»

«Espero viver mais do que isso e valer mais do que tu», disse o cabalista; «acaba com essas reflexões descorteses e retoma o fio da tua história!» O Judeu não replicou e retomou o fio da sua história nos seguintes termos:

«O velho Délio permaneceu junto de meu pai, abatido por tamanhas perdas. Continuaram a viver retirados. Mas Sedecias não estava tranquilo; a morte de Herodes tinha-o privado de um apoio garantido. O receio de nos ver chegar a Jerusalém atormentava-o sem cessar. Resolveu sacrificar-nos à sua tranquilidade. Tudo parecia favorável aos seus intentos: Délio perdeu a vista e meu pai, com o desgosto, encerrou-se ainda mais no seu retiro. Decorreram assim seis anos.

Um dia, vieram dizer-nos que a casa contígua à nossa acabava de ser comprada por judeus de Jerusalém e que estava repleta de gente de má catadura, com ar de assassinos. Meu pai, que amava naturalmente o seu retiro, viu nesta circunstância novos motivos para não sair de casa.»

Não sei que alarido ocorreu na caravana que veio interromper a narração do Judeu Errante. Aproveitou imediatamente para desaparecer dali e logo de seguida chegámos ao final da etapa. A nossa refeição estava pronta e servida. Comemos com o apetite normal dos viajantes; assim que levantaram a mesa, Rebeca disse, dirigindo-se ao cigano: «Quando fostes interrompido, dizíeis vós, se não me engano, que as duas damas, depois de se assegurarem de que não eram observadas, atravessaram a rua e entraram na casa do cavaleiro de Toledo.» O chefe cigano, vendo que todos desejavam saber a continuação da sua história, retomou o fio da narração nos seguintes termos:

Continuação da história do chefe cigano

«Aproximei-me das duas damas quando estavam ainda aos pés das escadas; apresentei-lhes as amostras e informei-as da missão que me fora confiada pelo ciumento, dizendo de seguida: “Agora, minhas senhoras, entrai realmente na igreja; eu vou ter com o suposto amante, que julgo ser o marido de uma de vós. Depois de vos ver e não duvidando de que vós sabeis que ele vos seguiu, provavelmente vai-se embora. Podereis então ir aonde vos apetecer.”

As duas damas aceitaram o conselho; eu dirigi-me à loja das *bébandes* e disse ao meu homem que as duas damas tinham entrado na igreja. Dirigimo-nos juntos ao templo, onde lhe mostrei as duas saias de veludo de acordo com as amostras, bem como as rendas. Parecia ainda duvidar; mas nesse momento uma das duas damas voltou-se para trás, erguendo o véu com ar displicente: imediatamente, uma alegria conjugal se desenhou nos traços do ciumento. Logo se misturou na multidão e saiu da igreja. Juntei-me a ele na rua; agradeceu-me e deu-me mais outra moeda de ouro. Tive alguns escrúpulos em aceitar, mas receei atraiçoar-me. Segui-o com os olhos e depois fui buscar as duas damas, conduzindo-as até à casa do cavaleiro. A mais bonita das duas quis oferecer-me outra moeda de ouro. “Não, minha senhora”, disse eu. “Enganei o vosso pretense amante, porque nele reconheci um marido e a minha consciência obrigava-me a proceder dessa forma; mas sou demasiado honesto para receber pelos dois lados.”

Voltei para junto do portal de Saint-Roch e mostrei as duas moedas de ouro; os meus camaradas ficaram deslumbrados. Já algumas vezes tinham sido encarregados de missões semelhantes, mas nunca haviam sido pagos tão principescamente. Fui levar o ouro para ser depositado na

caixa comum; os meus camaradas acompanharam-me para apreciarem o espanto da vendedora, que ficou realmente maravilhada.

Declarou que não só nos dava as castanhas que quiséssemos, mas também que ia comprar salsichas e arranjaria o necessário para no-las grelhar. A esperança de um petisco tão delicioso encheu o grupo de alegria; mas eu não partilhei da alegria geral e decidi procurar melhor cozinheira. Entretanto, todos nos abastecemos de castanhas. Regressámos ao portal de Saint-Roch, ceámos, cada um se enrolou na sua capa e não tardámos a adormecer.

No dia seguinte, uma das duas senhoras da véspera abordou-me e entregou-me um bilhete, pedindo-me que o levasse a casa do cavaleiro. Fui e entreguei o bilhete ao seu criado grave. Daí a pouco, fui recebido pessoalmente. O aspecto do cavaleiro de Toledo impressionou-me favoravelmente, levando-me a concluir facilmente que as damas não podiam ficar indiferentes ao vê-lo. Era um homem ainda jovem, de agradável figura. Não precisava de rir para revelar em todos os traços do rosto uma alegria que nele parecia estar gravada. Acompanhava todos os movimentos com grande graciosidade; no entanto, descortinava-se nas suas maneiras algo de libertino e de leviano, que poderia prejudicá-lo junto das mulheres, se todas e cada uma não se considerassem capazes de prender o mais volúvel.

“Meu amigo”, disse-me o cavaleiro, “já estou a par da tua inteligência e da tua delicadeza. Queres entrar ao meu serviço?”

“Isso não é possível”, respondi. “Sou fidalgo de nascimento e não posso abraçar uma condição servil. Tornei-me mendigo porque se trata de um estado que não me avilta.”

“Muito bem”, respondeu o cavaleiro. “Essa maneira de pensar é digna de um Castelhana; de qualquer forma, meu amigo, posso fazer alguma coisa por ti?”

“Senhor cavaleiro”, disse eu, “amo a minha profissão porque é uma profissão honrosa e porque me ajuda a viver; mas a verdade é que se passa bastante mal. Seria muita simpatia da vossa parte se me autorizásseis a vir comer com os vossos serviçais, partilhando assim a vossa mesa.”

“Autorizo de boa vontade”, disse o cavaleiro. “Nos dias em que recebo as mulheres, habitualmente dispenso a minha gente; se a tua nobreza o permitir, gostaria que vieses servir-me nessas ocasiões.”

“Monsenhôr”, respondi, “quando estiverdes na companhia da vossa amante, servir-vos-ei com muito gosto; porque o facto de poder ser-vos útil irá enobrecer esse acto a meus próprios olhos.”

Seguidamente, despedi-me do cavaleiro e voltei à Rua de Toledo.

Perguntei onde morava o senhor Avadoro: ninguém soube responder-me. Perguntei então por dom Felipe Tintero Largo: logo me apontaram uma varanda, onde vi um homem de ar bastante grave, fumando charuto e que parecia estar a contar as telhas do palácio de Alba. Embora a natureza me dispusesse vivamente a seu favor, não consegui evitar um certo espanto por ela ter dado tanta gravidade ao pai e tão pouca ao filho. Pareceu-me que teria sido mais justa se tivesse dado um pouco a cada um: mas em seguida pensei que, como se costuma dizer, devemos louvar a Deus por tudo e voltei para junto dos meus camaradas. Fomos provar as salsichas da vendedora; e senti-me tão contente que me esqueci da mesa do cavaleiro.

Ao cair da noite, reparei que as duas damas entravam em casa dele. Demoraram-se bastante tempo; fui ver se precisavam de mim, mas nesse momento saíram. Enderecei à mais formosa das duas um cumprimento um pouco ambíguo, que ela agradeceu dando-me uma pancadinha no rosto com o leque.

Instantes depois, fui abordado por um homem de aspecto imponente, acentuado ainda mais pela Cruz de Malta bordada na capa. O resto da sua indumentária indiciava um viajante. Perguntou-me onde morava o cavaleiro de Toledo. Ofereci-me para o levar a casa do cavaleiro. Não encontramos ninguém na antecâmara. Abri a porta e entrei com ele.

A surpresa do cavaleiro de Toledo foi enorme. “Quem vejo eu?”, exclamou; “tu... meu caro Aguilar! Tu em Madrid?... Que grande alegria!... Como vão as coisas em Malta? Como vai o grão-prior, o grão-mestre, o mestre de noviços? Deixa-me abraçar-te!”

O cavaleiro de Aguilar correspondeu a todas estas manifestações com a mesma efusão, mas com muito mais gravidade.

Calculei que os dois amigos iriam cear juntos. Na antecâmara havia tudo o necessário para pôr a mesa e fui buscar a ceia. Depois de comerem, o cavaleiro de Toledo mandou-me ir pedir ao despenseiro duas garrafas de espumante francês. Trouxe as garrafas e eu próprio as abri.

Entretanto, os dois amigos conversaram muito, avivando as suas recordações; a certa altura, Toledo disse: “Não consigo perceber como, com feitios tão opostos, nos une uma tão grande amizade. Tu possuis todas as virtudes e eu gosto de ti como se fosses o pior sujeito do mundo. Tanto é verdade que ainda não fiz amizades em Madrid. Continuas a ser o meu único amigo; a dizer a verdade, não sou tão constante no amor.”

“Continuas a reger-te pelos mesmo princípios a respeito das mulheres?”, perguntou Aguilar.

“Os mesmo princípios? Não, absolutamente”, respondeu Toledo. “Antigamente, fazia suceder as amantes umas às outras, o mais rapidamente que podia; mas concluí que dessa forma perdia muito tempo. Agora, começo uma nova

ligação antes de terminar a anterior e tendo já uma terceira em vista.”

“Isso significa”, disse Aguilar, “que não pensas renunciar à tua libertinagem?”

“Com certeza que não”, disse Toledo; “receio bem que seja ela que me deixe a mim. As damas de Madrid possuem no seu temperamento algo de tão premente, de tão constante, que muitas vezes somos forçados a uma moralidade que não desejávamos.”

“A nossa ordem”, disse Aguilar, “é uma ordem militar, mas também religiosa. Fazemos votos como os frades e como os padres.”

“Sem dúvida”, replicou Toledo, “e como as mulheres quando prometem ser fiéis aos maridos.”

“Quem sabe”, tornou Aguilar, “se não serão castigadas num outro mundo?”

“Meu amigo”, disse Toledo, “tenho toda a fé que um cristão deve ter, mas há nisso necessariamente algum mal-entendido. Como diabo queres tu que a mulher do *oidor* Uscariz, que acaba de passar uma hora na minha companhia, vá por causa disso arder por toda a eternidade?”

“A religião”, disse Aguilar, “ensina-nos que existem outros lugares de expiação.”

“Referes-te ao Purgatório?” perguntou Toledo; “por esse, acho que já passei. Foi quando amei aquela peste de Ines Navarra, a criatura mais caprichosa, mas exigente, mais ciumenta; foi por isso que renunciei às mulheres do teatro. Mas, meu amigo, tu não estás a comer nem a beber. Eu já esvaziei a minha garrafa e tu ainda tens o copo cheio. Afinal, em que estás tu a pensar?”

“Estava a pensar”, respondeu Aguilar, “que hoje vi o sol!”

“Ah! quanto a isso, estou de acordo contigo, porque eu, que estou aqui a falar contigo, também o vi hoje.”

“E pensava também”, continuou Aguilar, “como gostaria de voltar a vê-lo amanhã.”

“Com certeza que verás”, disse Toledo, “a não ser que haja nevoeiro.”

“Não tenho disso a certeza absoluta”, replicou Aguilar; “posso morrer esta noite.”

“Temos de concordar”, disse então Toledo, “que nos trazes de Malta uma conversa de mesa muito agradável.”

“De facto”, disse Aguilar, “temos a certeza de morrer, mas desconhecemos a hora.”

“Ouve”, disse Toledo, “quem te ensinou estas simpáticas novidades? Deve ser uma pessoa de um convívio muito divertido. Convidam-no muitas vezes para jantar?”

“De maneira nenhuma”, respondeu Aguilar, “foi o meu confessor quem me disse tudo isto esta manhã.”

“Chegas a Madrid e logo nesse mesmo dia vais confessar-te? Será que vieste para te bateres em duelo?”

“É isso mesmo!”, disse Aguilar.

“Ainda bem!”, disse Toledo. “Há quanto tempo não cruzo ferros. Serei o teu padrinho.”

“Ora aí está uma coisa que não pode ser”, disse Aguilar. “És o único homem do mundo que não pode ser meu padrinho.”

“Justos céus!”, exclamou Toledo. “Não me digas que recomeçaste a maldita zanga com meu irmão!”

“É isso mesmo”, disse Aguilar. “O duque de Lerne não aceitou apresentar as desculpas que exigiu e vamos bater-nos esta noite à luz das tochas, nas margens do Manzanares, debaixo da ponte grande.”

“Meu Deus!”, exclamou Toledo com acentos de dor na voz, “terei esta noite de perder um irmão ou um amigo?”

“Ou talvez ambos”, acrescentou Aguilar. “Concordámos num combate de morte; em vez de espadas, adagas curtas e

um punhal na mão esquerda. Sabes como estas armas são cruéis.”

Toledo, cuja alma sensível cedia a todas as impressões, passou num ápice da mais viva alegria a um desespero extremo.

“Prevendo o teu sofrimento”, prosseguiu Aguilar, “a princípio não queria visitar-te; mas dentro de mim ouvi uma voz do céu, ordenando-me que viesse falar-te dos castigos da outra vida.”

“Ah!”, disse Toledo, “deixa para lá a minha conversão!”

“Não passo de um soldado”, replicou Aguilar; “não sou pregador, obedeço às vozes do céu.”

Nesse momento, ouvimos bater as onze horas. Aguilar abraçou o amigo e disse: “Toledo, ouve-me: tenho um sentimento secreto de que vou morrer; mas desejo que a minha morte sirva para a tua salvação. Vou demorar o duelo até à meia-noite. Presta bem atenção. Se for possível que os mortos se façam ouvir pelos vivos através de algum sinal, podes estar certo de que este teu amigo te dará notícias do outro mundo, mas está bem atento à meia-noite em ponto.” Aguilar abraçou o amigo mais uma vez e partiu.

Toledo atirou-se para cima da cama lavado em lágrimas; quanto a mim, retirei-me para a antecâmara, ardendo em curiosidade de saber como tudo aquilo iria acabar.

Toledo ergueu-se, olhou para o relógio, voltou a cair sobre a cama e voltou a chorar. A noite estava escura; a espaços, através das frinchas das gelsias, brilhava o clarão de relâmpagos longínquos. A trovoadá aproximava-se, para aumentar com os seus terrores a tristeza da nossa situação. Soaram as badaladas da meia-noite e logo ouvimos três pancadas na gelsia da nossa janela.

Toledo abriu a gelsia e perguntou: “Estás morto?”

“Sim, estou morto”, respondeu uma voz sepulcral.

“Há um purgatório?” perguntou Toledo.

“Sim, há um purgatório, onde estou neste momento”, respondeu a mesma voz; e logo ouvimos como que um gemido doloroso.

Toledo caiu prosternado com o rosto por terra. Em seguida, levantou-se, pôs a capa pelas costas e saiu de casa. Fui na sua peugada; tomámos o caminho do Manzanares e ainda não tínhamos chegado à ponte grande quando avistámos um grande grupo de pessoas, algumas empunhando tochas acesas. Toledo reconheceu o irmão.

“Não vás mais longe”, disse-lhe o duque de Lerne; “irias deparar com o corpo do teu amigo.”

Toledo perdeu os sentidos e logo foi rodeado pela sua gente. Quanto a mim, tomei o caminho do portal. Depois de chegar, pus-me a reflectir sobre o que tinha ouvido. O padre Sanudo sempre nos dissera que existia um purgatório; pelo que não fiquei muito surpreendido com o que ouvira e tudo aquilo não me causou uma impressão muito profunda. Dormi tão bem como habitualmente.

No dia seguinte, o primeiro homem que entrou na igreja de Saint-Roch foi Toledo; mas estava tão pálido e destroçado que mal conseguíamos reconhecê-lo. Fez as suas orações e mandou chamar um confessor.»

Quando o cigano estava neste ponto da sua narração, vieram interrompê-lo; teve de nos deixar e nós separámo-nos, cada um para seu lado.

TRIGÉSIMA SEGUNDA JORNADA

Pusemo-nos a caminho muito cedo, seguindo por uma estrada que nos conduziu aos vales mais profundos da cordilheira; ao fim de uma hora, encontrámos o judeu Assuero, que veio ocupar o seu lugar entre mim e Velasquez, retomando a sua história nos seguintes termos:

Continuação da história do Judeu Errante

«Um dia, anunciaram-nos a visita de um oficial de diligências romano; o homem entrou e fomos informados de que meu pai era acusado de alta traição, ou seja, de ter querido entregar o Egipto aos Árabes. Depois de o romano se ter retirado, Délio disse a meu pai: “Estimado Mardoqueu, em vão tentaríeis justificar-vos, pois toda a gente está convencida da vossa inocência; tereis, isso sim, de gastar metade do vosso património e de boa vontade.”

Délio tinha razão: a questão levou-nos metade dos nossos bens.

No ano seguinte, ao sair de casa uma manhã, meu pai encontrou diante da porta um homem assassinado. Ainda dava sinais de vida e meu pai mandou levá-lo para dentro para o socorrer; repentinamente, entraram-lhe pela casa adentro os oficiais de justiça, acompanhados pelos moradores da casa contígua, em número de oito: todos juravam que tinham visto meu pai assassinar o homem. Meu pai passou

seis meses na prisão; só saiu depois de ter sacrificado a outra metade dos nossos bens, ou seja, tudo o que lhe restava.

Ainda lhe restava a casa. Mas, pouco depois de ter saído da prisão, declarou-se um incêndio na casa dos malvados vizinhos. Era de noite; penetraram na nossa casa, roubaram tudo o que puderam e atearam o fogo onde ainda não lavrava.

Ao nascer do dia, a nossa casa estava reduzida a um montão de escombros, no meio dos quais se arrastavam o pobre cego Délio acompanhado por meu pai, comigo ao colo e chorando a sua desgraça.

Quando as lojas abriram, meu pai, levando-me pela mão, foi até à padaria que costumava fornecer-nos o pão. O padeiro, impressionado pela nossa desgraça, ofereceu-nos três pães. Voltámos para junto de Délio, que nos contou o seguinte: durante a nossa ausência, tinha-se aproximado dele um homem que ele não conhecia e que lhe disse: “Oh! Délio, que as vossas desgraças possam recair sobre a cabeça de Sedecias! Perdoai aos homens de quem ele se serviu para vos fazer mal. Fomos pagos para vos fazer morrer, mas resolvemos poupar-vos a vida. Tomai, aqui tendes para sobreviver nos primeiros tempos.”

E o homem pusera-lhe nas mãos uma bolsa com cinquenta moedas de ouro.

Este socorro inesperado deu grande alegria a meu pai. Por cima das cinzas, estendeu alegremente um tapete meio ardido, sobre ele colocou os pães e foi buscar água num recipiente meio quebrado. Tinha eu então sete anos, recordo-me de ter partilhado com meu pai estes momentos de alegria e de o ter acompanhado até à cisterna. Tive também a minha parte na refeição.

Mal tínhamos começado a comer, vimos aproximar-se de nós um garoto da minha idade a chorar, pedindo-nos de

comer. “Sou”, disse ele, “filho de um soldado romano e de uma síria, que morreu ao dar-me à luz. Foram as mulheres dos soldados da mesma coorte que me amamentaram alternadamente; mais tarde, forneceram-me também outro tipo de alimento, o que me permitiu sobreviver. Mas meu pai, enviado contra um grupo de pastores, nunca mais voltou e todos os seus camaradas também lá ficaram. O pão que me tinha deixado acabou-se ontem. Quis pedir pão pela cidade, mas todas as portas se me fecharam. Como vós não tendes porta nem casa, espero que não me recuseis também um pedaço de pão.”

O velho Délio, que não perdia uma oportunidade para uma lição de moral, disse: “Bem se vê que não há ninguém, por mais miserável, que não possa fazer bem a outro. Da mesma forma que não há ninguém tão poderoso que não venha a precisar de outrem. Sim, meu filho, sê bem-vindo, vem comer connosco o pão da desgraça. Como te chamas?”

“Chamo-me Germano”, disse o garoto.

“Oxalá que vivas ainda por muito tempo!”, tornou a dizer Délio; e esta espécie de bênção tornou-se uma profecia; a criança viveu por muito tempo e ainda vive no momento actual, em Veneza, onde é conhecido pelo nome de Cavaleiro de Saint-Germain¹».

«Eu conheço-o», disse Uzeda. «Possui alguns conhecimentos da cabala.»

O Judeu Errante continuou nos seguintes termos:

«Quando acabámos de comer, Délio perguntou a meu pai se tinham forçado a porta da cave.

Meu pai respondeu que a porta continuava fechada, como estava antes do incêndio, e que as chamas não haviam

1 Conde de Saint-Germain (1707-1784): aventureiro (1707-1784) que pretendia viver desde a época de Pôncio Pilatos.

afectado a abóbada erguida por sobre a cave. “Pois bem”, disse Délio, “tirai duas moedas de ouro da bolsa que me ofereceram, contratai alguns pedreiros e mandai construir uma cabana em redor da abóbada; certamente poderão utilizar alguns materiais da casa antiga.”

Com efeito, foi possível aproveitar algumas vigas e algumas tábuas que ainda estavam intactas. Ergueram-nas conforme puderam, cobriram tudo com ramos de palmeira, estenderam no chão algumas esteiras e obtivemos assim um abrigo cómodo. A Natureza não exige mais do que isso nos nossos climas suaves; basta a imitação de um tecto debaixo de um céu tão sereno; também uma alimentação ligeira é a mais saudável. Desta maneira, pode afirmar-se com razão que a miséria não é tanto de recear entre nós como na vossa latitude, a que chamais temperada.

Enquanto trabalhavam na nossa habitação, Délio estendeu uma esteira na rua, sentou-se nela e executou uma ária na sua cítara fenícia; em seguida, cantou uma canção que outrora tinha composto para Cleópatra. A sua voz, embora fosse de um sexagenário, ainda teve o condão de juntar à nossa volta uma multidão de gente, encantada de o ouvir. Quando terminou, disse: “Oh! cidadãos de Alexandria, dêem uma esmola ao pobre Délio, que os vossos pais conheceram quando era o primeiro músico de Cleópatra e favorito de António!”

Então, o pequeno Germano deu a volta pelo grupo com uma escudela de barro, onde as pessoas depositavam a sua oferta.

Délio tomou a decisão de tocar e mendigar apenas uma vez por semana. Nesse dia, todo o bairro se reunia para o ouvir e só se retiravam depois de deixar uma generosa oferta. Tal atitude não se devia apenas à voz de Délio, mas também em grande parte à sua conversação, que era

alegre, instrutiva e repleta de historietas. Desta forma, o nosso destino era bastante suportável. Entretanto, meu pai, afectado pela sequência dos acontecimentos desagradáveis, foi definhando gradualmente, até que, em menos de um ano, a doença o levou ao túmulo. Ficámos entregues aos cuidados de Délio e reduzidos a viver do que lhe rendia a sua voz velha e cansada. No Inverno seguinte, uma tosse cavernosa, acompanhada por uma rouquidão completa, acabou com esta fonte de rendimento. Foi então que recebi uma pequena herança da parte de um parente falecido em Pelusa. A soma ascendia a quinhentas peças de ouro, um terço daquilo que me era devido. Délio afirmava que não fora feita justiça ao pobre, o qual deveria sempre contentar-se com aquilo que queriam dar-lhe a título gracioso. Assim, ficou contente em meu nome com aquilo que nos deram; mas geriu tão bem este dinheiro que ele foi suficiente durante todo o tempo da minha infância.

Aliás, Délio não descuidou a minha educação nem a do jovem Germano. Ficávamos alternadamente junto dele. Nos dias em que eu não estava de serviço, ia frequentar uma pequena escola judaica nas vizinhanças; e nos dias em que Germano estava livre, ia frequentar os cursos de um sacerdote de Ísis, chamado Queremon. Mais tarde, foi nomeado porta-tocha nos mistérios da deusa; deixava-me maravilhado com as descrições que me fazia das cerimónias.»

Quando o Judeu Errante estava neste ponto da sua narração, chegámos ao ponto de paragem e logo ele desapareceu nas montanhas. Pela tarde, estávamos todos reunidos e o chefe cigano parecia não ter nada que fazer; de maneira que Rebeca lhe solicitou que continuasse a sua história, o que fez nos seguintes termos:

Continuação da história do chefe cigano

«O cavaleiro de Toledo tinha certamente acumulado muitos pecados na sua consciência, visto que a sua confissão foi muito demorada. Quando se levantou tinha o rosto banhado em lágrimas e saiu da igreja revelando a mais profunda contrição; ao atravessar o portal, viu-me e fez-me sinal para que o seguisse.

Era ainda muito cedo e as ruas estavam quase desertas. O cavaleiro alugou as primeiras mulas que encontrou e saímos da cidade. Observei-lhe que a sua gente ficaria preocupada com uma demora tão prolongada. Respondeu-me: “Já estão avisados e não esperarão por mim.”

“Senhor cavaleiro”, disse eu então, “permiti que faça uma observação. A voz que ontem ouvimos disse-vos uma coisa que certamente já tínheis lido no catecismo. Fostes confessar-vos e certamente que não vos foi recusada a absolvição. Modificai o vosso comportamento; mas não deveríeis afligir-vos como fazeis.”

“Ah! meu amigo”, retorquiu o cavaleiro, “quando uma vez ouvimos a voz dos mortos, não ficaremos muito tempo entre os vivos.”

Compreendi que o meu jovem patrão estava convencido de que iria morrer em breve e que estava afectado por esta ideia; por conseguinte, senti pena dele e tomei a decisão de não o abandonar.

Seguimos por uma estrada pouco frequentada, através de uma região bastante desértica, e chegámos à porta de um convento de camaldulenses. O cavaleiro pagou aos arrieiros e tocou a sineta do convento. Apareceu um frade, o cavaleiro apresentou-se e pediu autorização para fazer um retiro de várias semanas. Levaram-nos até um pequeno ermitério localizado no extremo do jardim, dando-nos a entender

por sinais que uma sineta nos avisaria da hora das refeições. A nossa cela estava fornecida com livros de devoção, cuja leitura se tornou a única ocupação do cavaleiro. Quanto a mim, descobri um frade ocupado na pesca à linha; juntei-me a ele e esse era o meu único divertimento.

O silêncio, que faz parte da regra dos camaldulenses, não me desagradou muito no primeiro dia; mas, ao terceiro, tinha-se tornado insuportável. Quanto ao cavaleiro, a sua melancolia aumentava de dia para dia e dentro em pouco deixou absolutamente de falar.

Havia oito dias que estávamos no convento, quando vi chegar um dos meus camaradas do portal de Saint-Roch. Explicou que nos tinha visto montar as mulas de aluguer e que, mais tarde, o mesmo arrieiro o tinha informado de qual fora o nosso destino. Informou-me também que o desgosto de me terem perdido tinha acabado por quase dispersar o pequeno grupo; quanto a ele, tinha-se colocado ao serviço de um negociante de Cádiz, que adoecera em Madrid, o qual, tendo partido braços e pernas num infeliz acidente, precisava de gente para o servir.

Disse-lhe que já não podia aguentar mais tempo junto dos camaldulenses, e pedi-lhe que, por alguns dias apenas, tomasse o meu lugar junto do cavaleiro.

Respondeu que o faria de boa vontade, mas que receava fazer falta ao negociante de Cádiz que o tinha tomado ao seu serviço, que tinha sido contratado no portal de Saint-Roch e que uma atitude desse género poderia prejudicar a sociedade que ali se reunia.

Repliquei que eu poderia ocupar o seu lugar junto do negociante; eu tinha, aliás, adquirido grande autoridade entre os meus camaradas, de forma que este não opôs resistência. Levei-o junto do cavaleiro e expliquei-lhe que assuntos importantes me obrigavam a ir a Madrid, onde

me demoraria alguns dias; entretanto, deixava-lhe um camarada meu, pelo qual respondia como por mim mesmo. O cavaleiro, que não falava, fez-me entender por sinais que consentia na troca.

Cheguei a Madrid e dirigi-me imediatamente à estalagem indicada pelo meu camarada: tinham transferido o doente para casa de um médico famoso, na Rua de Saint-Roch. Não tive dificuldade em encontrá-lo. Expliquei que estava ali no lugar do meu camarada Chiquito, que me chamava Avarito e que estava pronto para prestar os mesmos serviços e com a mesma dedicação.

Responderam-me que os meus serviços eram aceites, mas deveria ir imediatamente dormir, porque teria de velar pelo doente durante várias noites seguidas. Fui dormir e, nessa noite, apresentei-me para entrar em funções. Levaram-me até junto do doente, que se encontrava estendido numa cama, em posição muito incómoda, sem poder fazer uso dos membros, excepto a mão esquerda. Era uma pessoa ainda jovem, de aspecto interessante; não se pode dizer que estivesse doente, mas, com os membros quebrados, tinha muitas dores. Procurei fazer-lhe esquecer o seu sofrimento divertindo-o e distraíndo-o da melhor maneira que me foi possível; o que consegui tão bem que, a certa altura, consentiu em me contar a sua história, o que fez nos seguintes termos:

História de Lope Soarez

“Sou filho único de Gaspar Soarez, o mais rico negociante de Cádiz. Meu pai, homem de temperamento austero e rigoroso, exigia que eu me ocupasse apenas dos negócios comerciais. Não permitia que eu tomasse parte dos divertimentos habituais entre os filhos das casas importantes de Cádiz.

Desejando agradar-lhe em tudo, frequentava pouco os espectáculos e nunca era visto nas grandes reuniões de lazer celebradas na maior parte dos domingos nas cidades mercantis.

No entanto, uma vez que o espírito precisa de distração, procurei-a na leitura dos livros agradáveis, mas perigosos, que dão pelo nome de romances. O entusiasmo por esse tipo de livros criou em mim uma forte disposição para a ternura; mas como saía pouco e como em nossa casa não recebíamos visitas de mulheres, não tinha oportunidade de revelar o meu coração.

Aconteceu que meu pai teve assuntos a tratar na corte e achou que era uma boa ocasião para me mostrar Madrid. Anunciou-me, pois, o projecto que concebera de me enviar para a cidade. Longe de me opor, fiquei encantado por poder respirar um ar mais livre, longe das grades do balcão e da poeira dos armazéns.

Feitos todos os preparativos para a viagem, meu pai chamou-me ao seu gabinete e fez-me o seguinte discurso: “Meu filho, ides para uma terra onde os negociantes não desempenham o papel mais importante, como em Cádiz, e onde precisam de ter um comportamento grave e decente, de forma a não aviltarem um estado que os honra, uma vez que contribuí poderosamente para a prosperidade da sua pátria, bem como para a força real do monarca. Vou dar-vos três preceitos que observareis rigorosamente, sob pena de incorrerdes no meu desagrado:

Primeiro, ordeno que eviteis a conversação dos nobres; consideram que nos honram sempre que nos dirigem a palavra. Trata-se de um engano, em que não devemos deixá-los cair: a nossa glória é absolutamente independente daquilo que possam dizer-nos.

Em segundo lugar, ordeno que vos apresenteis simplesmente como Soarez e não Dom Lope Soarez. Os títulos

nada acrescentam à glória de um negociante, a qual consiste inteiramente na extensão das suas relações e na sabedoria dos seus empreendimentos.

Em terceiro lugar, proíbo-vos de puxar pela espada. Se as circunstâncias o exigirem, consinto que a useis; mas deveis lembrar-vos de que a honra de um negociante consiste no exacto cumprimento dos seus compromissos; teria grande desgosto se tivésseis uma única lição da perigosa arte da esgrima.

Se deixásseis de observar qualquer um destes três pontos, seríeis alvo da minha indignação; mas há ainda um quarto ponto, em que deveis obedecer-me, sob pena não apenas de incorrer na minha indignação mas ainda na minha maldição, na de meu pai e na de meu avô, que foi vosso bisavô e primeiro autor da nossa fortuna. Este ponto é que nunca entreis em relação directa ou indirecta com a casa dos irmãos Moro, banqueiros da corte.

Os irmãos Moro gozam justamente da reputação de serem as pessoas mais honestas do mundo, e esta minha proibição naturalmente que vos surpreende; mas a vossa surpresa desaparecerá quando conhecerdes as queixas que a nossa casa tem contra eles. Por isso, em poucas palavras, vou contar-vos a nossa história:

História da casa dos Soarez

“O autor da nossa fortuna foi Iñigo Soarez, que, depois de ter passado a sua juventude a percorrer os mares, teve em seguida uma parte considerável no *apalte*² das minas do Potosi e fundou uma casa comercial em Cádiz.”»

² *Apalte*: neologismo «espanhol», do italiano *apalti*: adjudicação.

Quando o cigano estava neste ponto da sua história, Velasquez puxou das suas folhas e tomou algumas notas. Então o narrador voltou-se para ele e disse: «Senhor duque, talvez desejeis fazer algum cálculo interessante, de que a minha história poderia distrair-vos...»

«Absolutamente», respondeu Velasquez, «bem pelo contrário, é a vossa história que me ocupa. O senhor Iñigo Soarez talvez tenha encontrado na América alguém que lhe contou a história de alguém, que, por sua vez, também terá uma história para contar. Para não me perder, imaginei uma escala de relação, muito semelhante à escala de que nos servimos para as sequências recorrentes, assim chamadas porque nelas recorremos aos primeiros termos. Continuai, pois, por favor.»

O cigano prosseguiu nos seguintes termos:

«Iñigo Soarez, ao resolver fundar uma casa, procurou a amizade dos principais negociantes de Espanha. Já nessa altura, os Moro desempenhavam um papel importante. Informou-os da intenção de travar com eles um relacionamento permanente. Obteve o seu consentimento, e, para entrar nos negócios, colocou em Antuérpia fundos que sacava em Madrid; qual não foi a sua indignação quando recebeu a sua letra de câmbio acompanhada por um protesto. No correio seguinte, recebeu uma carta com um pedido de desculpas. Rodrigue Moro escrevia-lhe pessoalmente, para explicar que, enquanto se encontrava junto do ministro, em Saint-Ildephonse, a letra de câmbio se atrasara e que o seu primeiro funcionário tinha considerado sua obrigação não se afastar da regra estabelecida nos seus balcões; assim, declarava estar pronto para todo o tipo de reparações. Mas a ofensa fora feita e Iñigo Soarez rompeu todas as relações com os Moro; ao morrer, recomendou ao filho que nunca voltasse a relacionar-se com eles.